

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA PARA FORMAÇÃO CIDADÃ EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE ARROIO GRANDE/RS¹

Andrea Pereira Machado²

Simone Silva Alves³

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir questões relacionadas à inserção do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, ressaltando a importância e a necessidade da inclusão da temática em sala de aula, alertando sobre a sua importância para a formação cidadã. A motivação para a elaboração dessa pesquisa deu-se a partir do estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que constatei que, no plano de estudo do terceiro ano do Ensino Fundamental, nenhuma disciplina curricular trabalhava o estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira na escola e também percebi algumas atitudes de preconceito racial entre os alunos durante a observação da prática docente. A pesquisa é de representação social e de natureza qualitativa. O trabalho de campo foi concretizado durante os meses de maio e junho do ano de 2016. Participaram da pesquisa quinze alunos entre nove e treze anos de idade do terceiro ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Arroio Grande/RS. Para a coleta de dados, realizaram-se observações empíricas e um questionário com os alunos sobre as atividades didático-pedagógicas desenvolvidas durante o Projeto: “A Educação para Relações Étnico-Raciais na Escola”. As informações foram analisadas e interpretadas, tendo, como embasamento teórico, o campo multidisciplinar, o qual compreende a relação crítica entre cultura, conhecimento e poder. Para compreender o fenômeno estudado, teve-se como base Silva (2017); Bardin (1997); Freire (1983; 1987; 2000; 2011), Candau (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Ensino da história e cultura afro-brasileira, formação cidadã, Lei 10.639/03.

Resumén

El presente trabajo tiene por objetivo discutir cuestiones relacionadas a la inserción de la enseñanza de la Historia y Cultura Afro-Brasileira, ressaltando la importancia y la necesidad de la inclusión de la temática en clase, alertando para su importancia para la formación ciudadana. La motivación para la elaboración de este estudio se dio a partir de la pasantía en los años iniciales del “Ensino Fundamental”, en que constaté que, en el Plan de estudio del tercer año del “Ensino Fundamental”, Ninguna disciplina curricular trabajaba el estudio de la Historia y de la Cultura Afro-Brasileira en escuela y también percibí algunas actitudes de prejuicio racial entre los alumnos durante la observación de la práctica docente. La investigación es de representación social y de naturaleza cuantitativa. El trabajo de campo fue realizado durante los meses de mayo y junio del año de 2016. Participaron de la investigación quince alumnos entre nueve y trece años de edad del tercer año del “Ensino Fundamental” en una escuela del municipio de Arroio Grande/RS. Para la coleta de datos, se realizaron observaciones empíricas y un cuestionario con los alumnos sobre la actividades didático-pedagógicas desarrolladas durante el proyecto: “A Educação para Relações Étnico-Raciais na

¹Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão/RS.

²Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia. UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS. Itg.machado@gmail.com

³Doutora em Educação. Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA/Campus Jaguarão/RS. E-mail: simonealves@unipampa.edu.br

Escola”. Las informaciones fueron analizadas e interpretadas, teniendo, como basamento teórico, el campo multidisciplinar, lo cual comprende la relación crítica entre cultura, conocimiento y poder. Para comprender el fenómeno estudiado, se tuvo como base Silva (2017); Bardin (1997); Freire (1983; 1987; 2000; 2011), Candau (2010), entre otros.

Palabras clave: Enseñanza de la historia y cultura afro-brasileira, formación ciudadana, Lei 10.639/03.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo compreender como o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira influencia na formação cidadã dos alunos do terceiro ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Arroio Grande/RS. Ressalto que, segundo Silva (2017), mesmo depois de quatorze anos da instauração da Lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade do ensino de História e cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares de escolas públicas e privadas, infelizmente o que ainda se percebe são ações pedagógicas individuais realizadas por docentes em instituições educativas.

A motivação para a elaboração dessa pesquisa deu-se a partir do estágio supervisionado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que constatei que no plano de estudo do terceiro ano do Ensino Fundamental nenhuma disciplina curricular trabalhava o estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira na escola e também percebi algumas atitudes de preconceito racial entre os alunos durante a observação da prática docente. Parte de minha vivência pessoal na escola é um ponto relevante para o desenvolvimento dessa pesquisa faz.

Saliento que aos onze anos, cursando as séries finais do ensino fundamental em uma escola estadual na cidade de Arroio Grande/RS, me “fechei” no meu mundo. Porque não interagía nem com os colegas e nem com os professores na escola. Lembro-me que, quando estava cursando a quinta série, fui levada à diretora, porque conversava muito em sala de aula, porém já tinham me avisado que, se eu fosse mais uma vez para a diretoria, seria expulsa da escola e me mandariam para “fora” (para a campanha), para lavar roupas, pois meu lugar não era na escola e sim trabalhando em casa de família.

Esses fatos influenciaram muito minha postura pessoal e estudantil nos anos que se seguiram e até hoje na universidade, pois aquelas cruéis palavras ainda soam em meus ouvidos como uma espada que tende a cortar e calar. Isso, fez com que eu parasse de me manifestar, de dar minhas opiniões. Porém, acredito que avancei e estou conseguindo superar essa crise. Porque, durante a prática docente, consegui superar os medos que ainda persistiam

e acredito que a atuação profissional contribuiu substantivamente para superar essa situação traumatizante que sofri durante a minha trajetória educacional.

Conforme Freire (2002, p. 73):

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 2002, p.73).

Nesse sentido, o ambiente escolar se apresenta como o lugar fecundo para o combate contra qualquer forma de preconceito e discriminação social, especialmente a violência sexista, o racismo e a homofobia. Por isso, acredito que é de suma relevância trabalhar a educação para as relações étnico-raciais nas escolas. Pois, “[...] o campo da educação, chamado de “educação das relações étnico-raciais”, dialoga com a noção de raça, etnia, preconceito, discriminação e racismo” (RIBEIRO E GONÇALVES, 2014, p.11).

Destaco que trabalhando com esse tema as relações interpessoais dos alunos, que pertencem a diferentes etnias, e que também sofreram mudanças, pois observei que, antes de trabalhar com essa temática, os alunos pouco dialogavam entre si.

Não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura (s). Estes universos estão profundamente entrelaçados e não podem ser analisados a não ser a partir de sua íntima articulação. No entanto, há momentos históricos em que se experimente um descompasso, um estranhamento e mesmo um confronto intenso nestas relações. Acredito que estamos vivendo um desses momentos (CANDAUI, 2011, p.13-14).

Esse tema possibilitou desenvolver com os alunos as mais diferentes culturas existentes no Brasil. Culturas essas, muitas vezes inexistentes para os alunos. O foco do projeto foi a leitura e a escrita dos alunos, pois dos dezessete alunos da turma, dez eram repetentes.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 21).

Entendo que a criança é o futuro cidadão e, como tal, deverá proteger os interesses sociais e exercer seus direitos e deveres e, para que isso se efetive, é preciso que desde cedo ela aprenda a formar sua opinião e compreenda os problemas sociais de forma a continuar lutando contra todo tipo de preconceito e respeitando o outro que é diferente de dela.

2 OBJETIVOS E INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Destaco que a base teórica e prática dessa pesquisa se deu a partir do estágio supervisionado, em que constatei que no plano de estudo do terceiro ano do Ensino Fundamental nenhuma disciplina curricular trabalhava o estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira e também que percebi, durante a observação da prática docente, que algumas atitudes de preconceito e racismo ocorriam entre os alunos.

A pesquisa é de representação social e de natureza qualitativa. Nessa concepção, o objeto tem sua própria realidade fora da consciência, ele é real, concreto e, como tal, é pesquisado. Assim, “[...] o fundamental é o conhecimento do processo em si e não apenas os resultados, bem como sua atenção especial aos pressupostos que estão subjacentes à vida das pessoas” (TRIVIÑOS, 2001, p, 83).

O trabalho de campo foi concretizado durante os meses de maio e junho do ano de 2016. Participaram da pesquisa quinze alunos entre nove e treze anos de idade, sendo treze meninos e duas meninas do terceiro ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Arroio Grande/RS.

Para a escolha dos critérios dos sujeitos da pesquisa se tomou como centralidade todos os alunos da turma em que realizei o estágio supervisionado no ano de 2016. Para a coleta de dados, realizei observações empíricas e um questionário fechado com os alunos sobre as atividades didático-pedagógicas desenvolvidas durante o projeto: “A Educação para Relações Étnico-Raciais na Escola”, na prática do estágio.

Saliento que as informações foram analisadas e interpretadas à luz da perspectiva histórica crítica, tendo, como base de interpretação metodológica, a Análise de Conteúdo. “A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 1977, p. 09).

Dessa forma, o embasamento teórico foi orientado pelo campo multidisciplinar, o qual compreende a relação crítica entre cultura, conhecimento e poder.

Nesse sentido, a pesquisa de representação social possibilita:

Saber, com segurança, riqueza de detalhes, rigor e confiabilidade, o que pensam as coletividades sobre todo tipo de problemas que lhes afetam e, ao mesmo tempo, aferir o grau de compartilhamento de cada uma das opiniões circulantes, ou seja, saber como tais pensamentos se distribuem entre as diversas classes sociais, gêneros, idades, níveis de renda etc. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012, p.13).

Assim sendo, a visão de mundo do pesquisador é reorganizada pelas relações sociais e assumi uma atitude comprometida com a mudança da sociedade em que vive. Desta forma, a pesquisa exige uma análise profunda, que busca, na essência das ideias dos sujeitos, a compreensão do objeto de estudo como parte integrante de uma totalidade, à qual está correlacionado a múltiplas relações, especialmente as de natureza educacional.

Por meio destas reflexões, elaborou-se a questão que norteia este estudo: como o estudo da História e da Cultura Afro-Brasileira contribui para a formação cidadã dos alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental no município de Arroio Grande/RS?

Para responder a esse problema, têm-se como objetivos específicos: identificar que lógica educacional contribui para a inclusão da questão étnico-racial na escola; investigar que conhecimentos, atitudes, posturas e valores os alunos possuem quanto à diversidade étnico-racial; avaliar o quanto o nível de conhecimento da cultura afro-brasileira pode influenciar na autoestima dos alunos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa parte, alguns conceitos relevantes sobre o fenômeno do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira são apresentados. Analisando as respostas dos alunos e os conceitos que se destacaram, ressalto que as categorias essenciais são o *Reconhecimento* individual e coletivo das pessoas. Pois são nos espaços das instituições educacionais que se busca a ferramenta para superar as perversidades de um sistema de produção econômico que se caracteriza essencialmente pela exclusão cultural que impede o protagonismo dos sujeitos em formação.

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual. Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas (BRASIL, 2004, p. 12).

Saliento que uma das dimensões do *Reconhecimento* se dá no domínio das relações de solidariedade que possibilita algo além de um respeito universal, pois a reprodução da vida social se efetua sob o imperativo de um *Reconhecimento* recíproco. Portanto, a luta por *Reconhecimento* da luta afro-brasileira é motivada por uma força moral que promove a formação cidadã (HONNETH, 2003). Dessa forma, a escola é geradora do conhecimento, no que se diz respeito ao enfrentamento à opressão e à tirania, pela busca de uma formação cidadã que possibilite mudar o nível das relações sociais e das condições socioeconômicas das pessoas em sociedade.

A Lei de diretrizes e bases da educação nacional, lei nº 9.394/996, em seu Artigo 26, estabelece que nas instituições de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena e traz que:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 1996).

Para Candau (2011), a escola é o espaço principal para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos, na medida em que reconhece e valoriza a cada um dos sujeitos neles implicados, combate todas as formas de silenciamento, invisibilidade e/ou inferioridade de determinados sujeitos socioculturais, favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente e o diálogo intercultural.

Siss e Barreto (2014) indicam que os resultados das pesquisas contemporâneas trazem a necessidade de se formar professores para uma prática pedagógica ativa no âmbito de sociedade culturalmente cristalizados.

Para Grisa (2011, p. 110), “o racismo é o sentimento social pior resolvido da nossa nação, porque perpassam todas as classes sociais, todos os segmentos religiosos e, por ser um mecanismo de várias faces, se apresenta por vezes diluído”. Deste modo, percebe-se que nas escolas há várias formas de discriminação, algumas apresentadas de forma mais escancaradas e outras de maneira mais discretas.

Os professores (as) têm a capacidade de “[...] desmistificar os valores particulares que os currículos escolares muitas vezes tentam tornar gerais e hegemônicos. Sendo, que os professores (as) comprometidos com a formação cidadã têm condições didático pedagógicas de “[...] combater com eficácias a forma estereotipada e preconceituosa com que os afro-brasileiros são enfocados nos livros didáticos: na maioria das vezes, aparecem como e enquanto escravizados” (SISS; BARRETO, 2014, p.54).

Os professores precisam encontrar meios de criar espaço para um mútuo engajamento das diferenças vividas, que não exija o silenciar de uma multiplicidade de vozes por um único discurso dominante; ao mesmo tempo, devem desenvolver formas de pedagogia ancorada em uma sólida ética que denuncie o racismo (GIROUX; SIMON, 2011. p.121).

Nesta sociedade, instala-se uma elite que governa conforme as ordens da sociedade diretriz. Esta elite se impõe às massas populares. “Esta imposição faz que ela esteja sobre o povo e não com o povo” (FREIRE, 1983, p. 34). Pois, o currículo corresponde tanto a uma questão de conhecimento quanto a uma questão de poder (MOREIRA; TADEU, 2011).

Logo, se quisermos realmente avançar no enfrentamento dos graves e atuais desafios educacionais, deve-se pensar seriamente numa verdadeira reconversão cultural da escola. Acredita-se que, uma educação que contemple a educação para relações étnico-raciais almeja uma formação cidadã, pois, para Freire (1987), uma escola cidadã se assume como um centro de direitos e de deveres. Assim, o que a caracteriza é a formação da cidadania. Logo, a escola cidadã é a escola que proporciona a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si (FREIRE, 2000).

Conforme Munanga (2005), alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem intervir nas situações de discriminação no âmbito escolar e na sala de aula, que propiciam momentos pedagógicos privilegiados para dialogar a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que tem a cultura afro-brasileira.

4 ATIVIDADES DO PROJETO “A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA”

Destaco que essa parte da pesquisa está dividida em duas partes. Primeiramente, realizar-se-á uma contextualização da escola onde realizei o estágio supervisionado. Na segunda parte, apresento as atividades desenvolvidas durante a prática do estágio

supervisionado, no qual realizei um projeto de cunho interdisciplinar guiado pelo tema transversal: “A Educação para as relações étnico-raciais na escola”.

Ressalto que a escola, na qual realizei o estágio supervisionado, é de Educação Infantil e Ensino Fundamental, pertencente ao municipal de Arroio Grande/RS. Tem seu funcionamento no turno da manhã, no horário das 8h às 12h 20 min. e no turno da tarde, das 13h às 17h e 20 min, atendendo da Pré-escola ao 9º ano, com alunos de 4 a 17 anos, tendo em sua clientela alunos de classe média baixa, oriundos da zona rural e de diversos bairros do município.

O intervalo para o recreio é de 10 min. no turno da manhã das 10h e 30 min. às 10h e 40 min.; no turno da tarde das 15h e 30 min. às 15h e 40 min. A escola apresenta 24 turmas, distribuídas em 13 salas de aula nos turnos manhã e tarde. Possui também uma Sala de Recursos Multifuncionais, um refeitório, uma Sala de Informática, uma Biblioteca, cinco banheiros, sendo um desses com acessibilidade, e duas praças, além de possuir transporte escolar tanto para alunos da zona rural como da zona urbana.

A equipe diretiva é formada pela direção e vice-direção, tendo no seu quadro de funcionários os seguintes profissionais: coordenadores (as) e orientadores (as) pedagógicos, inspetores de disciplina, merendeiras, serventes, bibliotecário, zeladores, secretários e professores. O diretor e vice-diretor da escola não são escolhidos através de eleição e sim por indicação do prefeito como cargo de confiança, chamados de Cargo de Confiança (CC).

A escola é composta por cinco prédios, sendo eles os seguintes:

Prédio 1 – secretaria, sala dos professores, biblioteca e seis salas de aula;

Prédio 2 – cozinha, refeitório e dois banheiros;

Prédio 3 – sala da direção e coordenação, sala de informática, sala de recursos multifuncionais, quatro salas de aula e um banheiro com acessibilidade;

Prédio 4 – uma sala de aula da educação Infantil, sala do Programa Mais Educação, dois banheiros e uma sala de aula;

Prédio 5 – Almoxarifado e sala da banda.

O quadro de pessoal da escola conta com 410 educandos e 46 professores, 2 merendeiras, 3 serventes, 1 bibliotecário, 1 zelador, 1 secretário, 3 inspetores de disciplina, 2 orientadores pedagógicos e 2 coordenadores pedagógicos.

A escola fica localizada no limite de dois bairros, onde os moradores tem acesso ao bairro vizinho pelo interior do pátio da escola. Na frente da escola, tem um supermercado que atende os bairros ao redor da escola, ao lado direito fica o pátio dos transportes municipais, ao lado esquerdo fica uma Unidade Básica de Saúde – UBS – que está quase concluída sua

construção, e atrás tem um campo que dá acesso ao bairro Getúlio Vargas, a rua onde a escola fica localizada dá acesso ao cemitério local.

A escola possui um pátio amplo, com uma horta para o “Projeto Mãos na Terra”, em que os alimentos ali plantados serão consumidos pelos alunos. Além de uma quadra coberta que foi construída por meio do Orçamento Participativo e que um temporal que ocorreu na cidade destruiu parte da sua estrutura. A escola foi toda pintada recentemente, tanto no interior como no exterior, além de ganhar novas mudas de plantas para enfeitar o pátio.

O Conselho Escolar é o órgão colegiado responsável pela gestão da escola, em conjunto com a direção, representado pelos segmentos da comunidade escolar: pais, alunos, professores e funcionários. O Presidente e o Secretário do Conselho Escolar são escolhidos entre Conselheiros eleitos.

Composição do Conselho Escolar:

- 04 (quatro) pais;
- 04 (quatro) alunos;
- 04 (quatro) professores;
- 04 (quatro) funcionários.

A referência sindical que se tem é o Sindicato dos Servidores Municipais de Arroio Grande - SSMAG. Esse sindicato atende todos os servidores municipais. As reuniões são de acordo com o calendário escolar que é estabelecido pela prefeitura. O Regimento é elaborado por toda a comunidade, pais, alunos, professores e funcionários, sendo que os encontros muitas vezes são marcados aos sábados para que todos participem. Ressalto que o sistema de avaliação da escola é trimestral.

A sala de recursos multifuncionais atende na modalidade Atendimento Educação Especializado, sendo este um espaço organizado com materiais didáticos, pedagógicos, equipamentos e profissionais com formação para o atendimento às necessidades dos alunos com deficiência. Esse atendimento deverá ser em turno inverso ao horário das classes comuns.

Na sequência, exponho as atividades desenvolvidas durante o projeto interdisciplinar “A Educação para as Relações Étnico-Raciais na Escola”. Nesse projeto foram desenvolvidas diversas atividades com o objetivo geral de “Desconstruir as lógicas e os imaginários pedagógicos que ainda insistem em reduzir o debate sobre a questão étnico-racial na escola”.

Para tanto, durante o estágio supervisionado foram realizadas atividades com os seguintes subtemas: Relações étnico-raciais e educação; Cultura afrodescendente; Cultura indígena e Diversidade cultural. A seguir apresento as atividades que desenvolvi na escola.

Na primeira semana, foram trabalhadas as diferenças culturais existentes no Brasil, diferenças de classes sociais, etnias, raças, religiões, dentre outros, mostrando para os alunos que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais diversos e que possuem cultura e histórias diferentes.

Quadro 1- Atividades desenvolvidas na primeira semana.

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Roda de conversa sobre as diferenças culturais e as curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda da conversa sobre as diferenças culturais e as curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda de conversa sobre as diferenças culturais e as curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda da conversa sobre as diferenças culturais e as curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda da conversa sobre as diferenças culturais e as curiosidades dos alunos sobre o tema.
Leitura do texto Menina bonita do laço de fita	Vídeo sobre as diferentes culturas (danças regionais) das cinco regiões do Brasil.	História Romeu e Julieta de Ruth Rocha.	Leitura da poesia “Pessoas são diferentes”, de Ruth Rocha	Um texto com o depoimentos de pessoas que já viveram situações referentes ao preconceito racial
Interpretação da história da menina bonita do laço de fita	Trabalhando com o mapa do Brasil	Criação de um cartaz sobre as diferentes etnias.	Desenho da imagem do colega.	Discussão sobre o tema preconceito racial.
Continuação da atividade.	Continuação da atividade.	Continuação da atividade.	Continuação da atividade.	Continuação da atividade.

Fonte: Dados produzidos pela pesquisadora.

Na segunda semana, foi trabalhada a cultura afro-brasileira com atividades para que os alunos conhecessem a história dos negros; compreendessem as contribuições musicais dos negros no Brasil e a contribuição dos africanos na culinária brasileira e na religião.

Quadro 2- Atividades desenvolvidas na segunda semana.

Segunda	Terça	Quarta	Segunda	Quarta
Roda da conversa sobre a cultura afro-brasileira e as curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda de conversa sobre a cultura afro-brasileira e as curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda de conversa sobre a cultura afro-brasileira e as curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda de conversa sobre a cultura afro-brasileira e as curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda de conversa sobre a cultura afro-brasileira e as curiosidades dos alunos sobre o tema.
Leitura do texto sobre o trabalho escravo que está no livro didático “Positivo” que é utilizado em todas as escolas municipais de Arroio Grande/RS.	Vídeo que mostra a contribuição dos negros na música brasileira.	Leitura do texto sobre o papel das máscaras na cultura africana.	Leitura do texto explicando a influência africana na comida brasileira	Leitura do texto sobre a religião trazida pelos escravos

Imagens de descendentes africanos que conquistaram a liberdade.	Imagens de mulheres negras que foram importantes no samba	Confecção das mascararas	Trabalhando números pares e ímpares com receita.	Roda de conversa sobre religião e negros.
Os alunos tem que organizar um texto coletivo com as seguintes palavras: Escravidão; Africanos; Lutaram; Estudaram e Liberdade.	Perguntas referentes às imagens.	Continuação da atividade.	Continuação da atividade.	Continuação da atividade.

Fonte: Dados produzidos pela pesquisadora.

Na terceira semana foi trabalhada a cultura indígena, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer a herança cultural deixada pelos indígenas com relação à alimentação, conhecer a história e a cultura do povo indígena brasileiro, por meio de leitura e obras literárias.

Quadro 3- atividades desenvolvidas na terceira semana.

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Roda de conversa sobre a herança cultural deixada pelos indígenas e curiosidades dos alunos sobre o tema	Roda de conversa sobre a herança cultural deixada pelos indígenas e curiosidades dos alunos sobre o tema	Roda de conversa sobre a herança cultural deixada pelos indígenas e curiosidades dos alunos sobre o tema	Roda de conversa sobre a herança cultural deixada pelos indígenas e curiosidades dos alunos sobre o tema	Roda de conversa sobre a herança cultural deixada pelos indígenas e curiosidades dos alunos sobre o tema
Vídeo sobre a cultura indígena no Brasil. (os indígenas- raízes do Brasil #1)	Texto sobre as características da alimentação indígena.	Imagens de índios e como vivem.	História do amuleto indígena (filtro dos sonhos)	História do menino Poti.
Texto sobre a sociedade indígena na época da chegada dos portugueses.	Interpretação de texto.	Perguntas referentes a cada imagem.	Pintura dos amuletos	Conversa sobre o texto.
Caça palavras.	Continuação da atividade	Continuação da atividade	Continuação da pintura	Ilustração da história por meio de desenhos.

Fonte: Dados produzidos pela pesquisadora.

Na última semana, foi trabalhada a diversidade cultural. Como o estágio foi no mês de maio e junho de 2016, foram trabalhadas com os alunos as diversidades culturais, já que, no Rio Grande Sul, nesses meses se comemora as festas juninas. Assim sendo, busquei trabalhar os diferentes modos de se celebrar as festividades juninas em todo o país.

Quadro 4- Atividades desenvolvidas na quarta semana.

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
Roda de conversa sobre a diversidade existente no Brasil e curiosidades dos alunos sobre o tema.	Roda de conversa sobre a diversidade existente no Brasil e curiosidades dos alunos sobre o tema	Roda de conversa sobre a diversidade existente no Brasil e curiosidades dos alunos sobre o tema	Roda da conversa sobre a diversidade existente no Brasil e curiosidades dos alunos sobre o tema	Roda de conversa sobre a diversidade existente no Brasil e curiosidades dos alunos sobre o tema
Texto com a história das festas juninas, comidas típicas, brincadeiras e os símbolos das festas.	Leitura das regras das brincadeiras. Derrubando latas e jogo de argolas.	Vídeo sobre as tradições juninas.	Trabalhando receita de arroz doce.	Questionamentos sobre tudo que foi visto durante os vinte dias do estágio.
Circular palavra no texto.	Brincadeira derrubando latas.	Danças.	Pintura das comidas típicas das festas juninas.	Continuação da atividade.
Confecção de bandeirinhas.	Brincadeira jogo das argolas.	Danças.	Continuação da atividade.	Continuação da atividade.

Fonte: Dados produzidos pela pesquisadora.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na prática do estágio supervisionado, foi desenvolvido um projeto interdisciplinar guiado pelo tema transversal, “A Educação para as relações étnico-raciais na escola”. Durante o desenvolvimento do projeto na terceira série do ensino fundamental em uma escola municipal do município de Arroio Grande/RS, no mês de maio de 2016, realizei um questionário fechado, onde participaram quinze alunos, da faixa etária de nove a treze anos de idade. A seguir apresento o questionário, as perguntas e as respostas dadas com os alunos.

Pergunta - 1) Vocês acham que todas as pessoas são iguais?

Dos quinze alunos que responderam às perguntas, quatorze marcaram que não e uma marcou que sim.

Os discursos presente nas respostas dos sujeitos mostram que o tema da educação para relações étnico-raciais é de suma importância para a formação cidadã na escola, pois a maioria dos alunos entendem que o mundo é constituído por diferentes raças, etnias e culturas.

Destaco que esta pesquisa tem como fundamento o conceito de cidadania de Paulo Freire que diz: “A cidadania em Freire é compreendida como apropriação da realidade para nela atuar, participando conscientemente em favor da emancipação” (Herbert, 2010, p. 67).

Ressalta-se que, após quatorze anos da lei que obriga a abordagem da temática étnico-racial, ainda se constata que as escolas só contam com ações individuais de docentes. “É raro, difícil que essa seja uma política das escolas, e que esta disciplina conste no plano político-pedagógico das instituições” (SILVA, 2017, s/p).

Para Silva (2017), o que é mais frequente é a celebração, em novembro, do mês da Consciência Negra e de Zumbi dos Palmares, o herói mais celebrado. Dessa forma, pode-se afirmar que as iniciativas individuais permanecem. Desse modo, fica claro o quanto é essencial trabalhar com a temática da cultura afro-brasileira de forma interdisciplinar, pois infelizmente o ensino da cultura afro-brasileira se detém fragmentado por parte das instituições escolares e somente no mês de novembro.

Acreditamos que as lutas por igualdade e respeito às diferenças têm sido constantes em vários setores da sociedade. No entanto, é no ambiente escolar que se apresenta o lugar fecundo para o combate contra qualquer forma de preconceito e discriminação social, especialmente a violência sexista, o racismo e a homofobia. (ALVES; STOLL; ESPÍNDOLA, 2016, p. 14).

Para Freire (2011), a sociedade brasileira passa por fases intituladas e caracterizadas como consciência intransitiva, as quais estão intimamente relacionadas com à democracia, à participação do homem e a educação.

Percebe-se que o conceito fundamental destacado pelos alunos é o *Reconhecimento* à cultura afro-brasileira, pois a educação deve ter como pilar básico o compromisso político e ético que incide no *Reconhecimento* das diferentes culturas. Assim sendo, o planejamento curricular das instituições educativas tem, como comprometimento, trabalhar o estudo da história e da cultura afro-brasileira como ponto central nas discussões culturais.

2) Vocês acham que as pessoas devem viver separadas pela cor da pele?

Dos quinze alunos que responderam às perguntas, sete marcaram que não, seis marcaram que sim e dois não responderam.

Os resultados desta questão mostra que é necessário desenvolver o ensino para as relações étnico raciais tendo o racismo e as desigualdades sociais como as pautas centrais nas ações pedagógicas, pois o racismo institucional ainda faz parte da rotina das instituições educacionais.

Segundo o IBGE (2014), os negros (pretos e pardos) eram a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população. No entanto, esse fato mostra-se insuficiente para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas, pois ainda está persistente, em nosso país, um imaginário étnico-racial que privilegia a branquidade e valoriza principalmente as raízes europeias, ignorando ou pouco valorizando as outras culturas e etnias.

Para Grisa (2011, p. 115,)

Como professores e gestores, é importante que tenhamos clareza de que os problemas de preconceito e discriminação no Brasil não são, como pensado durante muito tempo, somente de ordem moral, esse é um tema essencialmente pedagógico e é na educação que ele deve ser tratado. A discriminação é muito mais evidente para quem sofre do que para quem a pratica, portanto, a sensibilidade do educador para perceber esses fenômenos é fundamental, é urgente que se avance nesse sentido, o racismo não é mais assunto de família e extracurricular, mas sim, de Estado e por obrigação legal é assunto educacional.

Na resposta a seguir, pode-se constatar que eles entendem que é necessário respeitar as características de cada um, colegas e professores/as, que pertencem a diferentes classes sociais, etnias, raças, religiões, dentre outros.

Assim sendo,

Torna-se necessário refletir sobre as práticas educacionais desenvolvidas no espaço escolar, de forma que busquem trabalhar com as diferenças existentes e com as relações de identificação e diferenciação que ocorrem não apenas em seu interior, mas que se estendem externamente, refletindo diretamente nas práticas sociais desenvolvidas pelos sujeitos em suas relações cotidianas. (ALVES; STOLL; ESPÍNDOLA, 2016, p. 15).

Portanto, é essencial compreender algumas categorias que são básicas para entender o tema apresentado e correlaciona-lo com o campo científico da educação. Logo, a categoria *Reconhecimento* torna-se primordial para que o processo educativo ofereça instrumentos e possibilidades para que os sujeitos tomem consciência sobre si, sobre o outro e sobre a sociedade na qual vivem (MICHALISZYN, 2008).

3) Existe cor da pele para ser feliz?

Dos quinze alunos que responderam às perguntas, doze marcaram que não e três marcaram que sim.

Percebe-se, no entanto que o racismo ainda está presente no âmbito escolar, pois, mesmo sendo a minoria, três alunos ainda acreditam que a cor da pele é um fator fundamental para ser feliz. Porém, destaco que um dos alunos que respondeu que a cor da pele é um dos fatores para ser feliz é um aluno da cor negra. Acredito que sua postura tem a ver com os valores ditados pela cultura dominante. Por isso “[...] o racismo deve ser enfrentado não apenas na dimensão comportamental e relacional, mas fundamentalmente como mecanismo estruturante do autoritarismo social que sustenta as várias lógicas do capital” (OLIVERA, 2016, p. 37).

O racismo, de tanto ser cultivado, virou cultura. Desnaturalizá-lo exige um estudo sistemático do tema; exige criar metodologias e práticas que estimulem o diálogo, a compreensão, o respeito e a aceitação para com o próximo. Fazer isso é mais do que simplesmente querer, é unir forças para nadar contra séculos de preconceito (ALVES; STOLL; ESPÍNDOLA, 2016).

Deste modo, percebe-se que, nas escolas, ainda há diferentes formas de discriminação, algumas apresentadas de forma mais escancarada e outras de maneira mais discreta. Mas, infelizmente, o preconceito e o racismo são atitudes persistentes no âmbito escolar.

4) Os negros tiveram uma grande contribuição no Brasil?

Dos quinze alunos que responderam às perguntas, doze marcaram que sim e três marcaram que não.

Infelizmente ainda percebe-se em nossa sociedade a desvalorização da cultura afro-brasileira. Müller (2008), em um artigo intitulado “Desigualdades raciais na educação e a Lei 10.639/03”, afirma o seguinte:

A resistência em “ver” situações preconceituosas e discriminatórias quase que se faz parte do ethos do professor brasileiro, assim como da percepção da maioria da nossa população. [...] O racismo, que produz as desigualdades em todas as situações da vida, nutre-se do silêncio, da acomodação. Recuperar a contribuição histórica da população negra para a construção da sociedade brasileira, discutir nossa herança africana, não só contribuirão para reforçar a autoestima e a identidade de nossos alunos, como irá prepará-los para enfrentar as inevitáveis dificuldades no mercado de trabalho.

Tentando mostrar para os alunos as contribuições positivas dos negros na sociedade brasileira, foram feitas atividades mostrando todas as influências positivas que os afro-brasileiros trouxeram para o Brasil com a música, alimentação, jogos, danças, religião. Pois, para Sacramento (2014, p. 87):

A presença da África no Brasil manifesta-se em múltiplas dimensões de nossa sociedade. Está na religiosidade, no respeito aos ancestrais, na oralidade, nas palavras que usamos, nos hábitos alimentares, na ancestralidade, nos modos de organização comunitária, na musicalidade e na diversidade de manifestações culturais, como o samba de roda, o tambor de crioula, a capoeira, o jogo no sudeste (Sacramento, 2014, p. 87).

Por isso, o sistema educacional brasileiro necessita incluir e realizar ações pedagógicas que tragam o conhecimento real da cultura afro-brasileira, bem como, sua importância para o desenvolvimento do Brasil. Dessa forma, a escola tem o compromisso de buscar e dissipar os conteúdos e ações que só excluem e fazem uma seleção negativa, excludente e seletiva que impedem a ascensão social da cultura afro-brasileira nas instituições educativas.

Portanto, o atual desafio da educação é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade étnico-cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade (BRASIL, 1997).

Conforme Gonçalves e Ribeiro (2014), todo ser humano tem disposição para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, pois todos têm esses direitos, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que esta pesquisa releva que o racismo ainda está presente no âmbito escolar, pois, mesmo sendo a minoria, três alunos ainda acreditam que a cor da pele é um fator fundamental para ser feliz. Porém, destaco que um dos alunos, que respondeu que a cor da pele é um dos fatores para ser feliz, é um aluno da cor negra.

Acredito que essa concepção formada por esse aluno tem a ver com os valores ditados pela cultura dominante. Pois a mídia ressalta e apresenta em sua grande maioria os heróis, as princesas, os bonecos e as bonecas de estética branca de traços fisionômicos da cultura

européia. No entanto, o fato de 54% da população brasileira ser composta de negros (IBGE, 2014), não tem sido suficiente para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas, pois, ainda persiste, em nosso país, um imaginário étnico-racial que privilegia a brancura e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática (BRASIL, 2004, p. 14).

É nesse contexto que em muitas escolas brasileiras, tanto de ensino fundamental quanto no médio, a lei 10639/03, não é muitas vezes aplicada de fato, pois há um despreparo de alguns professores sobre o assunto, ou existe uma falta de interesse da própria escola em levar adiante o tema, voltando-se apenas para comemorações de datas como o dia da “Consciência Negra” ou “13 de Maio”, não refletindo sobre o real significado destas datas, perdendo-se, assim, a oportunidade de instigar os alunos sobre o tema (GUEDES; NUNES; ANDRADE, 2013, p.425).

Para Munanga (2005), é necessário mudar atitudes, superar e abolir preconceitos, a falta de conhecimento e de respeito mútuo, além de derrubar as barreiras de ordem moral, epistemológicas, ideológicas que impedem a participação cidadã. Romper com o silêncio é reconhecer, trabalhar, falar, escrever e apresentar a importância da educação para relações étnico-raciais na formação de professores. Isso é lutar a favor do movimento negro. Se ocultar não é lutar.

Contudo, é dentro da escola que temos que começar essa luta, mostrando para nossos alunos a importância do movimento negro na nossa sociedade, ajudando-os a verem que as desigualdades existem e precisam acabar, pois as crianças não nascem racistas, elas se tornam, e é nosso dever como educadores não deixar que isso aconteça.

Compreendo que a escola tem papel preponderante para a eliminação das discriminações e para a emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para a consolidação e o concerto das nações como espaços democráticos e igualitários (BRASIL, 2004, p.15).

Ressalto que foi fundamental trabalhar o Projeto “A Educação para Relações Étnico-Raciais na Escola”, no estágio supervisionado na escola. Trabalhar com a realidade concreta dos alunos, fazendo com que a aprendizagem fosse significativa, pois constatei que houve mudança de comportamento e postura diante dos conceitos e atividades desenvolvidas durante a prática docente. Destaco que esse trabalho revelou que mais da metade dos alunos começaram a interagir em aula, participando, querendo ler em voz alta para o grupo, questionando o que estava escrito no quadro, pois alguns ainda não tinham uma compreensão

total da leitura e escrita. Acredito que trabalhar com essa temática desencadeou a valorização e o *Reconhecimento* da cultura afro-brasileira no grupo, já que, conforme observado, mais de setenta por cento dos educandos eram afrodescendentes.

Por fim, é essencial compreender que algumas categorias são básicas para entender o tema apresentado e que é de suma relevância correlacioná-las com o campo científico da educação. Logo, a categoria *Reconhecimento* torna-se primordial para viabilizar a formação cidadã aos educandos.

Referências:

- ALVES, Simone Silva & STOLL, Vitor Garcia & ESPÍNDOLA, Quellen Colman. (Re) **Educação das Relações Étnico-Raciais**: ação-reflexão na formação de professores na Educação Básica. Revista de linguagens, artes e estudos em culturas - v. 02, nº 01, 2016, p. 13-29.
- ANDRADE, Tatiane de; GUEDES, Elocir; NUNES, Pâmela. **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula**. Revista Latino-Americana de História. Vol. 2, nº6, Agosto de 2013. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/205/159>>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- Brasil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2017.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- _____. **LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**. Brasília: Ministério da Educação, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- _____. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Brasília: Ministério da Educação, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 13 – 37.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 32 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, M. A. R.; RIBEIRO, A. P. P. G. A.. A questão étnico-racial e o sistema de ensino brasileiro. In: GONÇALVES, M.A.R.; RIBEIRO.A.P.A.. (Org.). **História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Escola**. 2 ed. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2014, p. 10-23.

GRISA, G. D.. Reorganização curricular para a educação das relações étnico-raciais. In: ZITKOSKI, Jaime José; MORIGI, Valter. (Org.). **Educação Popular e Práticas Emancipatórias**: desafios contemporâneos. Porto Alegre: Corag, 2011, p. 05-139.

HERBERT, S. P.. Cidadania. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; SITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 74-76.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo, Editora 34, 2003.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C.. **Pesquisa de Representação Social**. Um enfoque qualiquantitativo. A metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. 2 ed. Brasília: Liberlivro, 2012.

MICHALISZYN, M. S. **Educação e diversidade**. Curitiba: Editora Ibope, 2008.

MOREIRA, Antonio Flavio, TADEU, Tomaz. Sociologia e teoria crítica do currículo. In: MOREIRA, Antonio Flavio, TADEU, Tomaz (orgs). **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 7-11.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues et al. Desigualdades raciais na educação e a Lei 10.639/03. In: NUNES, Antônia Elisabeth da Silva Souza, OLIVEIRA, Elias Vieira (Org.) organizadores. **Implementação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações étnico-raciais e o Ensino da História da Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC, SETEC, 2008, p. 32-39.

MUNANGA, K. (Org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

OLIVEIRA, Denis de. Dilemas da Luta contra o racismo no Brasil. **Margem Esquerda: Boitempo**, São Paulo. nº 27 2ª Semestre de 2016, p.33 – 37.

PORTAL BRASIL. **Negros e pardos cresceram entre a parcela 1% mais rica da população.** 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/12/negros-e-pardos-cresceram-entre-a-parcela-1-mais-rica-da-populacao>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

Relatório da Prática Docente nas Series Inicias do Ensino Fundamental. Andrea Pereira Machado. Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA/ Campus Jaguarão/RS, 2016.

SACRAMENTO, Mônica. O Jongo na escola: uma aposta no diálogo entre saberes e práticas de dois territórios. In: Maria Alice Rezende Gonçalves; Ana Paula Alves Ribeiro (org.). **Diversidade e sistema de ensino Brasileiro.** Rio de Janeiro: Outras Letras, 2014. p. 86-106.

SILVA, P. B. G. e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: Kabengele Munanga (Org.). **Superando o racismo na escola.** 2 ed. Brasília: 2005, p. 155-172. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/08/ensino-de-historia-da-africa-ainda-nao-esta-nos-planos-pedagogicos-diz-professora/?referer=bdf_button_facebook>. Acesso em 03 jan. 2017.

SISS, Ahyas; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. Formação de Professores com foco na educação das relações étnico-raciais. In: Maria Alice Rezende Gonçalves; Ana Paula Alves Ribeiro (org.). **Diversidade e sistema de ensino Brasileiro.** Rio de Janeiro: Outras Letras, 2014. p. 51- 62.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais. Porto Alegre: Editora da Ritter dos Reis, 2001.

_____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** 1 ed.15 reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.